

Caem os acentos, ficam os livros

ELISA TECLES

ERIKA KLINGL

DA EQUIPE DO CORREIO

O ano letivo começou com novas regras da língua portuguesa, previstas pelo acordo ortográfico em vigor desde 1º de janeiro — um desafio a mais para os cerca de 850 mil estudantes das redes pública e privada do Distrito Federal. Sem trema, acentos diferenciais e cincunflexo nos hiatos, os alunos vão reaprender a escrever redações e responder as provas. Parte dos livros didáticos e dicionários usados em sala de aula chegaram às livrarias adaptados ao acordo, mas edições antigas mantêm as velhas normas.

O Decreto nº 6.583, de 2008, oficializou as mudanças do português, como o acréscimo das letras *k*, *y* e *w* e uso do hífen. Especialistas defendem que o acordo não será um choque para crianças e adolescentes. “O primeiro conteúdo do ano serão as regras ortográficas. As mudanças não são tão grandes, não mexem com um grupo grande de palavras, não vai ser uma adaptação muito difícil. E no dia-a-dia, vamos verificar se os alunos estão tendo dificuldades”, explicou o coordenador de português do Centro Educacional Sigma, Josino Nery Neto.

As mudanças atingem 0,8% dos vocábulos em português no

Brasil. Boa parte das alterações é resultado da acentuação, um assunto recorrente em todas as séries — por isso, a apreensão do conteúdo deve ser natural. “Trabalhamos com o uso de dicionários e boas fontes, e partimos da ideia que a ortografia só pode ser aprendida de acordo com a necessidade”, afirmou o coordenador.

O primeiro ano do acordo ortográfico começa sem sintonia entre livros, colégios e pais. Das três filhas de Cláudia Baracuí, 39 anos, duas terão aulas com exemplares adaptados, mas a caçula aprenderá português com textos escritos de acordo com as regras antigas. Nos livros exigidos pela escola de Daniela Baracuí, 8 anos, ainda há tremas e acentos diferenciais, por exemplo. “Ela está começando a aprender agora, então pode ser mais difícil. O português é uma língua complicada, acho que as novas regras deviam ser ensinadas desde o início para os alunos”, afirmou Cláudia.

As escolas preparam professores para lidar com o novo conteúdo dentro de sala. O impacto deve ser menor para alunos do 1º ao 5º período do ensino fundamental, que ainda não se aprofundaram em regras de acentuação e hifenização. “Nessas séries, eles estão descobrindo a gramática, estão sendo apresentados ao conteúdo, então não vai ter aquele impacto da mudança”,

Zuleika de Souza/CB/D.A Press - 21/1/09



LIVROS DE DANIELA NÃO INCORPORAM A REFORMA. CLÁUDIA PREFERIA VER A FILHA ESTUDAR LOGO AS NOVAS REGRAS

lembrou o coordenador de língua portuguesa do Centro Educacional Católica de Brasília, Reginaldo Alves. Nos primeiros dias de aula, o coordenador quer explicar aos estudantes os objetivos do acordo. “Vamos mostrar que determinadas regras vieram para facilitar, como o fim dos acentos diferenciais. Temos que desmistificar a ideia de que o português ficou mais difícil”, comentou Alves.


A gramática usada no colégio da estudante Letícia Mamede, 12 anos, poderia ser usada durante os 7º e 8º anos do ensino fundamental, mas

terá que ser dispensada. Com as mudanças na língua, a menina preferiu comprar um livro novo e adaptado. “É certeza que vai ser um pouco mais difícil, porque a gente vai ter que aprender tudo de novo”, comentou Letícia. Além da gramática, a mãe da estudante, Marivânia Mamede, 40 anos, arcou com outro gasto extra: a compra de dicionários atualizados. “Não teve jeito, o dicionário é praticamente obrigatório. Mas eles dobraram de preço por causa disso. Está mais caro que no ano passado”, reparou. Antes do início das

aulas, Marivânia participará de uma reunião na escola para entender como a instituição pretende trabalhar o tema com as crianças. “Os pais também vão ter que aprender as regras para acompanhar os filhos”, comentou.

correiobrasiliense.com.br

 **Leia mais:**
no blog da Dad e no site Eu, Estudante

 **Conteúdo especial:**
sobre a reforma ortográfica